

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERCULTURALIDADE: uma revisão sistemática da literatura

Isabela Mayara dos Santos – Universidade Federal de Sergipe¹

RESUMO

Ao considerarmos a necessidade de uma Educação Ambiental que possa estar atrelada a diversidade cultural brasileira, com vistas a uma formação cidadã ambientalmente justa, sensível e transformadora, traçamos como objetivo deste artigo revisar e analisar criticamente a literatura sobre a intersecção entre Educação Ambiental e Interculturalidade. Foram utilizadas como base de dados de buscas as plataformas da CAPES e *Scielo*. O *corpus* de análise constitui-se de cinco artigos que abordam Educação Ambiental e Interculturalidade. Os trabalhos foram lidos e analisados a partir das perspectivas críticas dos temas mencionados. Os resultados desse estudo revelam que a Educação Ambiental, quando integrada à interculturalidade, pode ser uma estratégia poderosa para promover a justiça socioambiental e o respeito à diversidade cultural. No entanto, os desafios relacionados à falta de infraestrutura e de formação específica para educadores continuam sendo um obstáculo. Práticas que envolvem a comunidade e promovem o diálogo entre diferentes saberes são promissoras, mas exigem políticas públicas que apoiem essa integração. Por fim, entendendo a potencialidade associativa, advoga-se a necessidade de ampliar as pesquisas que relacionem as duas temáticas.

Palavras-Chave: questões ambientais; diversidade cultural; diálogo de saberes.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERCULTURALIDADE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A Educação Ambiental é um processo formativo que deve ser permanente, contínuo, transversal e interdisciplinar com objetivo da formação consciente, sensível e engajada dos cidadãos para as questões ambientais. Esse processo vai além da transmissão de conhecimentos técnicos sobre o meio ambiente e busca promover uma mudança de valores, atitudes e comportamentos em relação à natureza e ao uso dos

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS. E-mail: isamay2@hotmail.com.

elementos naturais (Baptista; Guimarães; Pereira, 2020; Layrargues, 2020; Guimarães; Granier, 2017).

Para atingir tais perspectivas a Educação Ambiental deve orientar os indivíduos para a compreensão das relações entre os seres humanos e o meio ambiente, levando em consideração aspectos ecológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Com isso, busca-se formar sujeitos capazes de tomar decisões mais responsáveis, além de se engajarem em ações que promovam a sustentabilidade.

Em um contexto em que questões como as mudanças climáticas, perda de biodiversidade e poluição se tornam cada vez mais urgentes, torna-se crucial a necessidade de aprendizado constante e adaptação às mudanças nos desafios ambientais. Esse aprendizado deve dar-se de maneira integrada, com a cooperação e o envolvimento comunitário em iniciativas de proteção ambiental. A abordagem crítica e emancipatória da Educação Ambiental é igualmente importante, pois busca desafiar as estruturas sociais e econômicas que causam a degradação ambiental e promover transformações sociais mais equitativas (Layrargues, 2020).

Considerando ainda a diversidade sociocultural brasileira é imprescindível pensar numa abordagem de Educação Ambiental que reconheça e valorize diferentes saberes e práticas culturais, estimulando não só o conhecimento, mas sobretudo o diálogo e promovendo a discussão de questões estruturais, incluindo justiça social e equidade (Figueira; Lima; Selles, 2017).

A pluralidade de práticas culturais e saberes tradicionais deve ser integrada aos processos educativos para que se reconheça a importância dos diferentes modos de vida e a relação entre as comunidades e o meio ambiente. Isso se traduz em ações educativas que não apenas informam, mas também transformam realidades ao enfrentar desigualdades sociais e ambientais (Colagrande; Farias, 2021; Loureiro; Layrargues, 2013).

Nesse interim, a Interculturalidade é uma abordagem que pode ser associada a uma educação que valorize o diálogo entre diferentes culturas e saberes, promovendo uma educação inclusiva e crítica. Ao considerar os contextos locais e os conhecimentos tradicionais, a Interculturalidade se torna uma estratégia valiosa para construção de uma educação que reconheça e respeite a diversidade cultural, oferecendo espaço para as

vozes de grupos historicamente marginalizados (Candau; Russo, 2010; Toledo; Barrera-Bassols, 2015; Walsh, 2009).

A perspectiva intercultural vai além da mera coexistência de culturas, buscando interações e trocas significativas entre elas. Dessa forma, a educação intercultural crítica não apenas reconhece a diversidade, mas também promove a transformação social, ao questionar as estruturas que perpetuam desigualdades, silenciamentos e exclusões (Walsh, 2009).

Pesquisas recentes, como a de Santos e Meneses (2019), mostram que a Interculturalidade também pode ajudar a superar a discriminação racial e cultural no ambiente escolar. Ao proporcionar uma educação que leva em consideração as identidades culturais dos alunos, é possível promover um ambiente de respeito e cooperação, favorecendo a inclusão social e o engajamento comunitário.

Essa abordagem é especialmente relevante no Brasil, um país de vasta diversidade cultural. Práticas educativas que incorporam conhecimentos tradicionais indígenas e afro-brasileiros, por exemplo, têm demonstrado potencial para engajar estudantes de forma mais significativa e aumentar o sentimento de pertencimento na escola (Santos; Meneses, 2019).

Dada a importância e a potencialidade em relacionar Educação Ambiental e Interculturalidade traçamos como objetivo deste artigo: revisar e analisar criticamente a literatura sobre a intersecção entre Educação Ambiental e Interculturalidade. Entendemos que uma revisão sistemática seja importante para organizar e sintetizar os conhecimentos existentes sobre os temas em questão.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse é um estudo do tipo revisão de literatura com abordagem qualitativa, em que se utiliza do procedimento de pesquisa bibliográfica, que dedicou-se a analisar material científico já existente (GIL, 2008). Foram utilizadas como base de dados para busca dos trabalhos analisados: Portal de Periódicos da CAPES e *Scielo*; ambos os portais foram escolhidos por reunirem trabalhos científicos que passam por avaliação científica criteriosa e de acesso eletrônico (via internet) fácil e gratuito (CAPES, 2024; *Scielo*, 2024).

Dentro da própria ferramenta de busca dos sites, foram inseridas as seguintes palavras-chave: “Educação Ambiental” e “Intercultural”, adicionando-se o filtro temporal para restringir a busca para as publicações dos últimos cinco anos, ou seja, de 2020 a 2024. Foram incluídos apenas artigos em português, de acesso aberto e revisado por pares. Foram excluídos os trabalhos que não apresentassem todos os critérios citados anteriormente.

Após a seleção encontramos seis artigos, nos quais realizaram-se leituras iniciais do título, resumo e palavras-chaves, com o intuito de verificar a abordagem da Educação Ambiental e Interculturalidade. Após esse procedimento permaneceram cinco publicações; estas foram tabuladas, lidas integralmente e analisadas à luz das perspectivas críticas da Educação Ambiental e Interculturalidade, de modo a captar os conceitos e perspectivas adotados.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL INTERCULTURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O *corpus* de análise deste trabalho constitui-se de cinco artigos, sendo três oriundos do portal de Periódicos da CAPES e dois provenientes do *Scielo* (Quadro 1). Os trabalhos estão distribuídos nos seguintes periódicos: *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, *Revista Sergipana de Educação Ambiental*, *Arqmudi [Internet]* e *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, este com dois artigos representados.

Quadro 1 – Artigos selecionados (*Corpus de Análise*)

ID	NOME DO ARTIGO	ANO	REVISTA	PLATAFORMA
A1	Convergência entre Perspectivas Críticas da Educação Científica, da Educação Ambiental e da Educação Intercultural na Promoção do Engajamento Estudantil	2022	Revista de Estudos em Educação e Diversidade	CAPES
A2	Olhares Ambientais na 6ª Feira de Ciências da Bahia: antropofagias e desterritorializações em tempos de pandemia	2020	Revista Sergipana de Educação Ambiental	CAPES
A3	Estudo Intercultural em uma Perspectiva na Educação em Ciência/Química: cultura indígena no contexto amazônico	2024	Arqmudi [Internet]	CAPES
A4	Biodiversidades Locais como Elementos Interculturais: análise de movimentos discursivos na formação inicial docente em	2024	Ensaio Pesquisa em Educação em	Scielo

	ciências		Ciências (Belo Horizonte)	
A5	Tecituras Ambientais: inspirações epistemológicas e axiológicas para educações insurgentes	2022	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)	Scielo

Fonte: A autora (2024).

O Artigo 1 (A1) intitulado *Convergência entre Perspectivas Críticas da Educação Científica, da Educação Ambiental e da Educação Intercultural na Promoção do Engajamento Estudantil*, defende a produção de conhecimentos por jovens a partir das realidades que vivenciam em sua comunidade, com vistas a colocar a escola como ambiente profícuo de uma educação para a justiça, criticidade e engajamento (Almeida; Andrade, 2022).

Esta produção apoia-se numa metodologia qualitativa de produção de dados a partir do contato direto com o objeto de estudo. As autoras apresentam discussões acerca da educação científica, tecnológica, social e ambiental (CTSA), enfatizando o protagonismo juvenil diante dos desafios socioambientais presentes em sua realidade (Almeida; Andrade, 2022).

O trabalho *Olhares Ambientais na 6ª Feira de Ciências da Bahia: antropofagias e desterritorializações em tempos de pandemia* (A2), embasa-se numa perspectiva ambiental a partir de epistemologias “inSURgentes”, buscando debater sobre ideais silenciados e marginalizados, enfatizando suas potencialidades para constituição de escolas que gerem cidadãos comprometidos com um futuro ambientalmente sustentável (Molano; Almeida, 2020, p. 1).

Os autores constroem um relato a partir de uma “pesquisa-afetiva-experiencial” decorrente da análise de narrativas de jovens estudantes participantes na VI Feira de Ciências do Estado da Bahia, ocorrida em novembro de 2017. Perpassam seus argumentos pelos cenário pandêmico que vivenciaram, suas expectativas para o futuro da educação científica ambiental, defendendo uma “pedagogia de multiplicidades e uma ética de solidariedades” (Molano; Almeida, 2020, p. 9).

Estudo Intercultural em uma Perspectiva na Educação em Ciência/Química: cultura indígena no contexto amazônico (A3) objetivou relacionar a cultura indígena amazônica com o ensino de ciências e química no ensino médio, numa tentativa de

intercultural de integrar o conhecimento tradicional indígena e da ciência ocidental (Araújo, 2024).

Através de jogos educativos e produção de recursos didáticos, implementados numa escola de ensino básico do Amazonas a autora argumenta sobre a possibilidade associativa entre a cultura local e conhecimentos científicos, visando a formação cidadã e consciente, culturalmente e ambientalmente (Araújo, 2024).

A produção *Biodiversidades Locais como Elementos Interculturais: análise de movimentos discursivos na formação inicial docente em ciências* (A4) analisou os posicionamentos discursivos de uma licencianda em Educação do Campo (ênfase em Ciências da Natureza) participante de uma Oficina Pedagógica Intercultural (OPI) com temática de diversidade biológica local (Rédua; Kato, 2024).

Os autores do A4 defendem a proposição de uma formação docente que promova o diálogo entre as perspectivas culturais e formação científica dos indivíduos, se aproximando de uma perspectiva formativa baseada nos preceitos da Interculturalidade crítica (Rédua; Kato, 2024).

O Artigo 5 *Tecituras Ambientais: inspirações epistemológicas e axiológicas para educações insurgentes* (A5), constitui-se de uma análise teórica de material empírico oriundo de pesquisa qualitativa, realizada em escolas públicas da periferia urbana de uma cidade da América Latina; nele enfatiza-se a necessidade de uma discussão ambiental interdisciplinar e intercultural (Molano; Almeida, 2022).

A partir das discussões sobre racionalidades e suas relações com os desafios ambientais atuais, os autores apresentam as características de “saberes antropofágicos”² e dificuldades associadas ao contexto escolar e as políticas educacionais/ambientais que limitam a atuação e aplicação da Interculturalidade nos espaços educativos (Molano; Almeida, 2022, p. 9).

Percebemos que em todos os artigos estudados (A1, A2, A3, A4 e A5) é enfatizado que a incorporação dos conhecimentos populares, locais e tradicionais nos currículos educativos pode promover uma compreensão mais holística dos problemas ambientais, respeitando os valores e modos de vida das comunidades envolvidas, almejando uma relação mais sustentável com o ambiente.

² “Saberes dialogados como possibilidade de alteridade e empatia; de admiração, reflexão e criticidade existencial; de solidariedade e agência política (Molano; Almeida, 2022, p. 9).”

A inclusão de uma perspectiva intercultural na Educação Ambiental amplia o escopo do ensino, ao incorporar conhecimentos tradicionais e práticas de manejo sustentável que são parte das culturas locais (Colagrande; Farias, 2021). Percebemos que quatro dos trabalhos analisados (A1, A2, A3 e A5) promoveram abordagens de Educação Ambiental e Interculturalidade em relatos e experiências no ensino básico (fundamental e médio), e um (A4) voltado para discussões na perspectiva do ensino superior (licenciatura em educação do campo, com ênfase em ciências da natureza).

Consideramos que apesar da pouca abrangência do *corpus* deste estudo e de suas diferenças produtivas, no que diz respeito as possíveis relações entre Educação Ambiental e Interculturalidade, os artigos apresentam direcionamentos semelhantes que buscam enaltecer a potencialidade da Interculturalidade para uma Educação Ambiental crítica e sensível, com vistas a promoção de uma relação mais sustentável, justa e de transformação social.

A abordagem intercultural na Educação Ambiental é apresentada ainda como valiosa contribuição para a superação de uma visão eurocêntrica do meio ambiente, ao incluir diversas formas de conhecimento, desde práticas locais até cosmovisões indígenas sobre a relação com a natureza. Isso ajuda a questionar as estruturas de poder que historicamente marginalizaram os saberes tradicionais e proporciona um espaço para o diálogo entre diferentes formas de entendimento da natureza (Loureiro; Layrargues, 2013).

Nesse caminho a Educação Ambiental poderia reforçar uma prática intercultural ao promover valores de respeito e diálogo entre diferentes culturas. Através de práticas educativas que abordam questões socioambientais, os educandos são incentivados a refletir sobre os impactos das ações humanas no meio ambiente e na sociedade, considerando as diferentes percepções e conhecimentos culturais. Essa abordagem possibilita a construção de uma compreensão compartilhada sobre a necessidade de soluções sustentáveis e inclusivas para os problemas ambientais (Ferreira; Rédua, 2023).

A Educação Ambiental pode, portanto, ser uma plataforma para discutir temas como justiça social e equidade, enfatizando como as desigualdades ambientais afetam de maneira diferenciada as populações vulneráveis. Ao adotar uma perspectiva intercultural crítica, a Educação Ambiental se torna um meio para empoderar

comunidades marginalizadas, valorizando suas contribuições para a sustentabilidade e promovendo a inclusão social (Loureiro; Layrargues, 2013).

Os conhecimentos tradicionais de povos indígenas e outras comunidades tradicionais, por exemplo, têm muito a contribuir para práticas ambientais mais sustentáveis, especialmente devido ao seu entendimento profundo das dinâmicas ecológicas e da gestão de elementos naturais. Esses conhecimentos são resultado de uma interação contínua com o ambiente ao longo de gerações e estão intimamente ligados à cultura, pertencimento, espiritualidade e modos de vida dessas populações (Diegues, 2000).

Povos indígenas e comunidades tradicionais possuem práticas de manejo de recursos naturais que se baseiam em um profundo respeito pelos ciclos ecológicos e na utilização de técnicas que minimizam o impacto ambiental (Toledo; Barrera-Bassols, 2015). Por exemplo, o manejo de queimadas controladas por povos indígenas no Brasil contribui para a renovação dos solos e a prevenção de incêndios florestais descontrolados. Essas práticas tradicionais de manejo do fogo são cada vez mais reconhecidas por cientistas e gestores ambientais como alternativas sustentáveis aos métodos convencionais de manejo de vegetação (Cunha; Magalhães; Adams, 2021; Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Comunidades tradicionais frequentemente utilizam sistemas de cultivo diversificados, como as roças de coivara e os sistemas agroflorestais, que combinam agricultura com o cultivo de árvores e plantas nativas. Esses sistemas favorecem a regeneração do solo, a conservação da biodiversidade e o uso sustentável dos elementos naturais. O conhecimento sobre plantas medicinais e alimentícias também contribui para uma abordagem mais holística da sustentabilidade, integrando sociedade, cultura, saúde e conservação ambiental (Cunha; Magalhães; Adams, 2021, Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

As visões de mundo de muitos povos indígenas e comunidades tradicionais tratam a natureza não apenas como um recurso a ser explorado, mas como parte integrante do sistema de vida, merecendo respeito e proteção. Essa visão holística promove práticas sustentáveis que estão alinhadas com o equilíbrio ecológico, tratando os elementos naturais – como a água, as florestas e os animais – como seres com valor

intrínseco e direitos próprios (Cunha; Magalhães; Adams, 2021; Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Em contextos de injustiça ambiental, comunidades marginalizadas, frequentemente grupos étnicos minoritários, são os mais afetados. Segundo autores como Barrozo e Sánchez (2015) e Cruz (2017), a integração da Interculturalidade na Educação Ambiental permite uma abordagem que reconheça essas desigualdades e busque formas de empoderamento, luta e transformação dessas comunidades, social, cultural e ambientalmente. Nesse ponto, corroboramos com Morin (2001) que propõe a ideia de uma cidadania planetária que se baseia em um diálogo intercultural, necessário para enfrentar crises ambientais não só locais e regionais, mas inclusive problemáticas globais.

Entre os desafios para integrar Educação Ambiental e Interculturalidade estão a resistência de instituições educacionais tradicionais, que muitas vezes são baseadas em um currículo eurocêntrico, e a falta de formação dos professores em abordagens interculturais (Ferreira; Rédua, 2023). Além disso, práticas que envolvem a comunidade e promovem o diálogo entre diferentes saberes são promissoras, mas exigem políticas públicas que apoiem essa integração.

Advogamos então a crucialidade de estudos que possam apontar caminhos integrativos entre Educação Ambiental e Interculturalidade, sejam teóricos ou empíricos, nos diversos espaços de educação (formal, informal e não-formal) e comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos analisados nesse estudo revelam a perspectiva de que a Educação Ambiental, quando integrada à Interculturalidade, pode ser uma estratégia promissora para promoção da justiça socioambiental e o respeito à diversidade cultural. No entanto, os desafios relacionados à falta de infraestrutura e de formação específica para educadores continuam sendo um obstáculo, bem como a instituição e aplicação de políticas públicas relacionadas.

As mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e a poluição afetam comunidades em todo o mundo, porém de maneira desigual. Muitas dessas

comunidades, como as indígenas, são ao mesmo tempo as mais vulneráveis e aquelas que detêm conhecimentos valiosos sobre sustentabilidade. Relacionar Educação Ambiental e Interculturalidade é crucial para uma educação mais inclusiva e eficaz, pois pode incentivar a formação de cidadãos que possam atuar de maneira proativa e crítica na defesa do meio ambiente.

A revisão indica ainda que a Educação Ambiental Intercultural é uma área emergente e promissora, com abordagens diversificadas e potencial transformador. Futuras pesquisas devem explorar a integração de metodologias interdisciplinares e o impacto dessas práticas em diferentes contextos. Além disso, é fundamental que as políticas educacionais contemplem a formação contínua dos educadores e a produção de materiais didáticos adaptados às realidades culturais dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de; ANDRADE, Maria Aparecida da Silva. Convergência entre Perspectivas Críticas da Educação Científica, da Educação Ambiental e da Educação Intercultural na Promoção do Engajamento Estudantil. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade** – REED, v. 3, n. 7, p. 1-26, 2022. DOI: 10.22481/reed.v3i7.10444.

BARROZO, Luciana Aranda; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental Crítica, Interculturalidade e Justiça Ambiental: entrelaçando possibilidades. In: **VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, 2015. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2015_anais/pdfs/plenary/139.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

ARAÚJO, Elzilene. Estudo Intercultural em uma Perspectiva na Educação em Ciência/Química: cultura indígena no contexto amazônico. **Arquivos do Mudi**, v. 28, n. 1, p. 111-125, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/71622>. Acesso em: 10 out. 2024.

BAPTISTA, Clara dos Santos; GUIMARÃES, Mauro; PEREIRA, Celso Sánchez. Interculturalidade e Educação Ambiental: possibilidades e desafios com a cultura Guarani. **Revista de Educação Pública**, v. 29, n. jan/dez, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v29ijan/dez.7356>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 151-169, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v10n29/v10n29a09.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

CAPES. **Acervo**. 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html>. Acesso em: 02 out. 2024.

COLAGRANDE, Elaine Angelina; FARIAS, Luciana Aparecida. Apresentação - Educação Ambiental e o contexto escolar brasileiro: desafios presentes, reflexões permanentes. **Educar em Revista**, v. 37, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.81232>.

CRUZ, Ana Cristina de Souza. Interculturalidade e Educação Ambiental nas Práticas Pedagógicas para Valorização da Cultura. In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2017. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R2052-1.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS Cristina (orgs.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo : SBPC, 2021.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HICITEC/NUPAUB-USP, 2000.

FERREIRA, Sarah Rute; RÉDUA, Laís Sousa. Educação Ambiental e debates interculturais: uma revisão sistemática da literatura em um acervo latino-americano. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, p. 1-20, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/rtr.v8n0.17343>.

FIGUEIRA, Maira Rocha; LIMA, Jacqueline Girão Soares de; SELLES, Sandra Escovedo. Educação ambiental crítica na relação universidade/escola: narrativas docentes. In: **IX Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, 2017, Juíz de Fora/MG. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0069.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Mauro; GRANIER, Noeli Boreki. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 55, p. 1574-1597, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.17.055.ds06>.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2020.v0i0.a40204>.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e Educação Ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. Trabalho. **Educação e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 53–71, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000100004>.

MOLANO, Javier Giovanni Sánchez; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Olhares ambientais na 6ª Feira de Ciências da Bahia:: antropofagias e desterritorializações em tempos de pandemia. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. 1, p. 1–22, 2020. DOI: 10.47401/revisea.v9i1.13603.

MOLANO, Javier Giovanni Sánchez; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Tecituras Ambientais: inspirações epistemológicas e axiológicas para educações insurgentes. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), n. 24, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172021240118>.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RÉDUA, Laís de Souza; KATO, Danilo Seithu. Biodiversidades Locais como Elementos Interculturais: análise de movimentos discursivos na formação inicial docente em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte) [Internet], n. 26, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240187>.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2019.

SCIELO – Brasil. **Busca**. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 02 out. 2024.

TOLEDO, Víctor ; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Editora Expressão Popular, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Agradecimentos

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe – GEPEASE.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS.